

Energia e alimentação no DF

Proflora tem programa que integra estas duas necessidades e visa à fixação do homem no campo

FERNANDO FRAGA

Desde a posse do Presidente João Figueiredo, a agricultura passou a ser prioridade não só do Governo Federal mas também dos estaduais. Essa arrancada do setor agrícola, explicam os dirigentes do país, não só servirá para alimentar a grande massa da população brasileira, como também exportar os excedentes, para, assim, podermos aliviar nossa balança de pagamentos.

Portanto, dois graves problemas - energia e alimentação - nos apresentam de imediato e os governos precisam se desdobrar para suprir a enorme demanda. Em Brasília, uma empresa de economia mista, com capital predominantemente do Governo do Distrito Federal, de uma só vez está promovendo a aliança dessas duas necessidades. É a Proflora S.A. Florestante e Reflorestamento, que, num ambicioso projeto, propiciará ao DF, carvão e álcool, que virão de suas florestas, grãos e frutas. Além de garantir uma melhoria da agricultura no DF, a Proflora visa também a integração do homem no campo, cumprindo diretrizes do governo do Distrito Federal. Sobre todos esses programas, fala o presidente da empresa Niel Vas Correa, em entrevista exclusiva ao **Correio Braziliense**.

Pelos seus estatutos, a Proflora tem por finalidade principal o florestamento e o reflorestamento da área do Distrito Federal e também da região geoeconômica de Brasília. Porém, ela pode ainda plantar em qualquer área do território nacional, desde que seja solicitada por um órgão competente. Apesar da Proflora poder plantar em outras áreas que não o DF, o reflorestamento e o florestamento daqui são prioritários. Já o reflorestamento da região geoeconômica tem por finalidade cumprir determinações do GDF, que, muito sabiamente, viu que há necessidade de Brasília se voltar para essa região e fazer com que ela cresça. Como objetivos, a Proflora visa três pontos: o ecológico, o social e o econômico. O primeiro pretende fornecer melhor cobertura vegetal; proteger a fauna; melhorar o micro-clima e proteger as nascentes dos mananciais. O segundo tem como meta oferecer mercado de trabalho para a mão-de-obra não especializada e o terceiro, o econômico, pretende fornecer madeira para produção de carvão - no esforço nacional para diversificação das fontes energéticas; celulose e plantas, árvores frutíferas e grãos para o abastecimento do Distrito Federal.

As florestas da Proflora também estão voltadas para a obtenção do carvão mineral e álcool?

A Proflora também está voltada para a obtenção do álcool e do carvão. As florestas que nós temos aqui em Brasília deverão ser destinadas justamente para o setor energético. Atualmente, já temos plantados cerca de 11 mil hectares. Em termos de florestamento, é pequeno, mas é preciso saber que a empresa é nova, nasceu em 1974 e o primeiro plantio foi feito em 1976. Então, em termos de florestamento, ainda é uma área muito pequena, mas, ao longo do tempo, ela se tornará uma área respeitável, principalmente se considerarmos essas florestas para utilização energética.

A Proflora está voltada só para o florestamento comercial, que, de certa forma, prejudica a ecologia do



A Proflora é a responsável por 10% do total plantado com arroz no DF

lugar?

Essa é uma parte que consideramos importante. Normalmente, as empresas de florestamento vivem do reflorestamento comercial, que é o plantio de um só tipo de árvore para facilitar a exploração futura. Sendo assim, essas florestas comerciais, de uma certa forma, não concorrem totalmente para o equilíbrio ecológico porque são florestas homogêneas onde predomina o pinho e o eucalipto, que são pobres em termos ecológicos. No entanto, a legislação florestal obriga que nos reflorestamentos seja plantado, no mínimo, um por cento de essências nativas, árvores que existem na área remanescentes de florestas naturais. Essa conservação de florestas naturais fará com que o sistema ecológico se reequilibre permitindo assim a vida da fauna que ali existia ou que poderá voltar, se enriquecermos essa floresta. Em função disso, nós, aqui no DF, que visamos não só a exploração comercial, mas também ao lucro social, aumentamos a taxa de plantio das florestas de essência nativas. Hoje, nós temos cinco por cento de essências nativas plantadas em cada projeto da Proflora.

Outro fator que a empresa considera de suma importância e que é missão nossa é a preservação dos mananciais. Aqui em Brasília, temos quatro bacias, a do Rio Descoberto, a São Bartolomeu, a Maranhão e a Paranoá, que fornecem água para Brasília e parte da energia. Se deixarmos que as florestas que protegem essas bacias sejam devastadas, dentro de pouco tempo, Brasília não teria mais água. Então, a missão da Proflora, que, em termos de estatuto, seria uma consequência da função principal para nós, é prioritária, e, por isso nós só fazemos reflorestamento quando vemos que vamos proteger uma bacia ou uma nascente.

E o lucro?

A Proflora, sendo uma empresa vinculada ao GDF, não busca o lucro como uma empresa privada que o tem como função imediata. É claro que temos que buscar o lucro também, porque, senão, nós não poderíamos sobreviver, já que a

empresa é independente, em termos financeiros, do GDF. A única maneira dela sobreviver é através do investimento setorial para florestamento e reflorestamento. Logo, se ela não fizer uma floresta comercial não sobreviverá como empresa. Porém, nós mudamos essa concepção, já que não somos uma empresa essencialmente privada, apesar de sermos sociedade anônima e visarmos principalmente, o lucro social. Esta é a filosofia de trabalho da Proflora, que não está escrita em lugar nenhum, mas que nós instituímos aqui e trabalhamos em função dessa filosofia. Assim sendo, quando fazemos um trabalho de reflorestamento em Brasília, nós vamos atrás da Caesb. Estamos até estabelecendo um convênio com ela, a fim de se fazer um estudo para sabermos quais as áreas mais necessárias para florestamento e que tipo de floresta seria implantado nessas áreas, para se fazer a defesa dos mananciais e buscarmos uma melhor qualidade de água.

Que vantagens o florestamento ou o reflorestamento traz para as regiões onde é implantado?

Uma das grandes vantagens da floresta é justamente impedir a erosão. Outra grande vantagem é a melhoria do micro-clima. Se você for a uma floresta de eucaliptos, sentirá de imediato a diferença de clima. O ar é mais puro. Fora isso, as florestas propiciam um período maior de chuvas que beneficiam a agricultura.

Quantos projetos, até agora, a Proflora, já implantou?

Pelas administrações passadas, já foram executados, em 1976, o projeto Proflora I e II, com 758 hectares; o Proflora III, em 1977, em 2.400 ha, e em 1978, o Proflora IV e V - A, em 3.800 ha. Ao todo, foram plantados 6.958 hectares de Pinus, Eucaliptos e essências nativas. Agora, na nossa administração, implantamos seis projetos - Proflora V a X - com cinco mil hectares e com uma inovação: a plantação de grãos. Como existe, a obrigatoriedade de se produzir, um por cento de grãos nesses plantios, nós aumentamos. Em vez de plantarmos só um por cento, nós

plantamos 10 por cento. Até o momento, a área plantada de arroz pela Proflora é de 1.000 hectares, o que representa mais de 10% da área total plantada com arroz no DF. As primeiras análises feitas nesse arroz indicam que é de boa qualidade e com uma percentagem de quebra muito pequena. A produção estimada é de 10 mil sacas de 60 quilos, ou seja, 600.000 quilos. Toda essa produção será comercializada pela Superintendência de Abastecimento de Brasília (SAB) que já estabeleceu um contato para trabalhar em coordenação com a Proflora. Com isso, esperamos, com a certa forma, contribuir para a estabilização de preços do arroz no DF, que é uma das metas da Secretaria da Agricultura. Esse trabalho de integração das empresas vinculadas ao GDF vem sendo feito pela secretaria e visa a tirar o máximo de produção dessas empresas. Outra novidade nos projetos de reflorestamento, da empresa é a plantação de outros grãos e de árvores frutíferas. Só este ano, já plantamos 500 hectares de manga, e para o ano que vem, pretendemos implantar a soja. Essa plantação intercalada está dando um resultado espetacular e esperamos que sirva de experiência para os demais produtores do DF, que poderão fazer o mesmo.

Como os produtores poderão fazer esse tipo de plantação?

Eles podem iniciar um plantio de árvores frutíferas e, nessa mesma área, fazer o plantio intercalado de grãos, retirando daí parte para subsidiar o pomar que eles estão implantando. É uma forma de usar a mesma terra diversificando o produto, não deixando que a terra fique ociosa. No Distrito Federal, as áreas de plantio são muito pequenas em relação ao resto do País, então, os produtores deveriam utilizar ao máximo essa terra. Essa é a grande meta dos programas da Proflora. Já podemos dizer aos produtores da área do DF e da Região geoeconômica que eles podem, se quiserem, desenvolver, intercalando com o projeto de árvores frutíferas, o de grãos e, com isso, ter uma diminuição de custos.

Qual a importância, em termos

social, da implantação desses programas?

Abrir um mercado para a mão-de-obra não especializada. Cada projeto desse, desde o Proflora I até o X, utilizou uma mão-de-obra que teve chance de trabalhar e receber remuneração pelo seu trabalho, não ficando marginalizada. Hoje, uma das diretrizes do Governador Lameira é a de fazer com que esse pessoal que vem do campo, e está se marginalizando na cidade, volte para o campo.

A Proflora também tem projetos para a região geoeconômica do Distrito Federal?

Sim. Este ano, a Proflora está se lançando na região geoeconômica, onde inclusive, já iniciamos um trabalho pioneiro. A Proflora fez um contrato com um fazendeiro no Município de São João da Aliança, que tinha em suas terras vários trabalhadores ociosos. Esses homens poderiam inclusive, vir para Brasília e criar um problema que o Governo do Distrito Federal quer, eliminar que é o de migração de mão-de-obra não especializada, que acaba se marginalizando. Neste projeto que está sendo implantado, nós já vamos radicar no campo todos esses trabalhadores, além do benefício que é injetar recursos no município.

Se outros fazendeiros da região geoeconômica se interessarem por esse projeto, eles podem participar?

Naturalmente que qualquer fazendeiro que quiser participar desses projetos poderá nos procurar. Afé que vem a grande oportunidade de cumprir a meta do GDF de se fazer, em torno de Brasília e de sua região geoeconômica, a fixação do homem do campo, melhorar a produtividade da terra e injetar recursos na região. No barato, um projeto desses sai em torno de 60 milhões de cruzeiros. O fazendeiro só tem a ganhar.

Como é feita essa associação com o fazendeiro?

Nós fazemos um contrato de comodato e ele nos cede a terra para florestamento. No contrato, só aparece o florestamento no qual o dono da terra não participa. Nós fazemos tudo e o produto final também pertence à Proflora, porque vai fazer o retorno do investidor no fundo Fiset - Reflorestamento e, por isso, não pode ser repartido com o dono da terra. Mas o proprietário ganha, porque, em paralelo a esse contrato de comodato, nós fazemos um contrato de parceria agrícola e desenvolvemos o projeto de plantio de grãos intercalado. Afé, o lucro final desse projeto de parceria será dividido entre o proprietário da terra e a Proflora. Acharmos nós que esta é uma forma de os proprietários de terras ociosas, que não têm recursos para investir, produzirem na terra e beneficiarem a região, através dos recursos que serão injetados.

A implantação desses projetos não entra em choque com os projetos da SAP para a região geoeconômica?

Na implantação desses projetos, não existe choque com os programas da SAP, porque nós trabalhamos associados com ela. Nós só desenvolvemos um programa desse tipo, depois de consultarmos a secretaria. Sendo assim, não existe choque de interesses e sim um somatório de interesses. Existem, inclusive, áreas que não são próprias para a agricultura e que, através do reflorestamento, poderão ser beneficiadas.